Diálogo com educadores¹

Profa Dra. Frnesta Zamboni

Nossa entrevistada dessa edição é uma das mais reconhecidas pesquisadoras no campo do Ensino de História, destacando-se na investigação de temas a ele vinculados, como ensino-aprendizagem, história, memória, cultura, formação docente. Sempre envolvida com o fortalecimento das pesquisas e práticas escolares que dizem respeito ao Ensino de História, é sócia fundadora e primeira presidente da Associação Brasileira de Ensino de História (ABEH), coordenadora do projeto de pesquisa em rede intitulado Peabiru: Ensino de História e Cultura Contemporânea, que congrega diversas universidades brasileiras e se articula também com instituições estrangeiras. Responsável pela formação de centenas de professores e pesquisadores, a professora Ernesta tem contribuído fortemente para o crescimento do campo do Ensino de História e para impulsionar importantes debates na área educacional.

EP: Prezada Prof^a Ernesta Zamboni, é com muita satisfação que iniciamos essa entrevista solicitando que você fale um pouco sobre sua trajetória como estudante da educação básica, destacando as experiências mais significativas presentes em sua memória.

Ernesta: Iniciei a minha escolaridade no ano de 1946, em Batatais, em um colégio religioso orientado pela Ordem dos Salesianos. Esta Ordem foi fundada pelo padre João Bosco, italiano, cujo objetivo principal era a educação das crianças e dos jovens. Os Salesianos abriram escolas em todos os países que receberam imigrantes italianos. Para a minha família, de origem italiana, estudar neste colégio era muito natural. Em Batatais, na época, só havia o Grupo Escolar, como escola pública. O Colégio era destinado à formação das meninas e para os meninos havia o colégio da Ordem dos Maristas.

Era um colégio que visava à formação de uma elite, com normas de comportamento e atitudes rígidas. As minhas vivências deste período foram marcadas por ressentimentos, dores e insatisfações, sentimentos potencializados pelas limitações de ordem motora e visual que tenho. Essas limitações decorreram de uma infecção hospitalar que contraí no nascimento, na maternidade na cidade de São

http://dx.doi.org/10.5335/rep.v21i2.4310

Paulo. Todas as crianças que nasceram neste período, nesta maternidade, foram a óbito, exceto eu. Quando comecei a andar, as minhas dificuldades foram observadas. Depois de muitas investigações descobriu-se que tinha coroidite macular decorrente da infecção que adquiri, quando nasci. Trata-se de uma cicatriz (da febre) que tenho no nervo ótico do lóbulo direito, portanto, não tenho a visão do lado direito e esta ausência provocou limitação da noção de profundidade, de direção, motricidade e algumas dificuldades motoras e dislexia. Com o tempo e com outras vivências fui aprendendo a contorná-las. Diante desse quadro, o período da escola básica foi difícil, sentia-me muito insegura, ao ler eu pulava palavras, o que limitava a compreensão do texto, a minha letra era mal traçada e não gostava de escrever. Não gostava e não queria me expor. Como era algo novo para as professoras e para a escola, eu sempre tinha de fazer exercícios de caligrafia, o que detestava. Estas dificuldades não facilitaram o meu convívio social e faziam-me sentir discriminada na escola e na sala de aula. Não tenho desse período nenhuma lembrança boa, foi o momento em que me deparei objetivamente com as minhas dificuldades. "Consegui vencer" estas limitações com acompanhamento de vários profissionais como psiquiatra, psicomotricidade e fonoaudiologia. Não posso deixar de mencionar os cuidados, a orientação que meus pais e minha família tiveram comigo. A escola para mim foi um horror! Os professores da educação básica, infelizmente, ainda não eram, e penso que ainda hoje não são preparados para trabalharem com crianças com dificuldades aparentes e nem aparentes.

EP: Que experiências pedagógicas e que perfil de professor mais lhe marcaram?

Ernesta: A professora que mais me marcou foi a de Biologia pelo seu entusiasmo, criatividade e espírito investigativo. Sempre propunha temas novos e não se prendia ao livro didático. O seu comportamento em sala de aula era singular; relacionava os conteúdos ensinados com questões sociais do momento. Deixava--nos mais soltas na sala de aula e sua alegria era contagiante. Não víamos a aula passar. Sempre havia novidades. Não cobrava disciplina e tinha a classe sob o seu controle. Para a época era uma pessoa "moderna". Sentia-me entusiasmada com suas aulas.

EP: E sobre seus estudos de graduação, qual foi o curso realizado, em que instituição e o que mais lhe marcou em sua experiência formativa?

Ernesta: Quando tive de escolher o curso de graduação foi muito difícil. Não sabia o que fazer. Estava entre a área de saúde e a de humanas. Papai era um homem muito culto. Lia muito e nos incentivava à leitura. Gostava de nos apresentar as novidades do momento. Quando foi criada a linha aérea de São Paulo a Ribeirão Preto, ele nos levou de avião a São Paulo para viver essa experiência e conhecer a 1ª Bienal de São Paulo. Foram momentos muito importantes para mim. Éramos seis filhos e todos nós fomos. Claro, para escolher meu campo profissional conversei com ele, qual era a opinião dele. Sem dúvida, me entusiasmou para fazer o curso de História. Ele dizia: a história é linda e vai abrir o seu pensamento. Escolhi História. Prestei vestibular na PUC de Campinas. Não foi um bom curso. Parecia um bom curso colegial. Os professores que me marcaram foram o professor Lapa, na época ministrava história antiga, depois se dedicou à história de Campinas; o professor Alfonso Trujillo, professor de Antropologia e Etnografia e o professor de História do Brasil, cujo nome não me lembro. Dos três professores, o mais marcante para mim foi o Trujillo, que apresentou-nos a pesquisa etnográfica. Convidou um grupo de alunos, no qual eu estava, para ir a duas aldeias indígenas, os Bororo e os Xavante. Permanecemos praticamente um mês nesta pesquisa. Sempre nos orientava sob a forma que devíamos proceder e, delicadamente, nos chamava a atenção quando algum procedimento estava equivocado.

EP: Em relação aos estudos de pós-graduação, onde realizou o mestrado, o doutorado? Quais foram suas principais experiências investigativas desse período?

Ernesta: Antes de começar a pós-graduação trabalhei no Sistema de Ensino Vocacional, criado por uma equipe de profissionais liderada pela pedagoga Maria Nilde Mascelani. Era um novo sistema de educação, instalado no estado de São Paulo, o qual durou desde o ano de 1960 até julho de 1969, quando foi fechado pelo regime militar, em decorrência do AI5. A sede do Serviço do Ensino Vocacional, como era conhecido, estava em São Paulo e foram criadas várias unidades nas cidades de: São Paulo, Americana, Batatais, Barretos, Rio Claro e São Caetano. Para lecionar nesse colégio, devíamos fazer um curso de seis meses, no final do qual éramos submetidos a um processo de avaliação. O trabalho no Vocacional foi importante para minha formação como professora e educadora em História. Todas as nossas atividades eram acompanhadas e avaliadas pelas orientadoras pedagógica e vocacional. Quando o Vocacional foi fechado, em 1969, voltei para São Paulo com a intenção de fazer a pós-graduação.

O mestrado foi realizado na USP, no departamento de História, na área de História econômica. A problemática da dissertação de mestrado está centrada na organização da rede fundiária da região de Ribeirão Preto, isto é, na área circunscrita entre o Rio Pardo e o Rio Mogi. Toda a pesquisa foi realizada em cartórios e estudei o processo de concentração de terras do final do Século XIX, isto é, a formacão dos grandes latifúndios de café. A minha pesquisa foi fundamentada em dados contidos nos registro de propriedades e nos contratos de compra e venda e necessitei de uma consistente fundamentação teórica, para analisar os dados obtidos. Com a Dra Tereza Petroni, minha orientadora, aprendi a trabalhar em grupo, orientar e ampliar a visão dos temas estudados. O mestrado me preparou para a pesquisa. Terminei o mestrado, no início de 1980, eu desejava continuar estudando. Tinha dúvidas se ampliaria o tema iniciado no mestrado ou se iria para a Educação.

Naquele momento, fui convidada pela direção do Colégio São Domingos, onde lecionava, o qual pertencia à PUC/São Paulo, para coordenar a área de História. Comecei a estudar a metodologia do ensino de História, a assistir aulas e a refletir sobre o que eu observava.

Concomitantemente, fui avisada que haveria na FE/Unicamp uma seleção para ocupar o cargo de docência na licenciatura de História. Me preparei para essa seleção. A vivência no Vocacional e a coordenação da área de ensino de história no Colégio São Domingos foram significativos e decisivos para a minha entrada na FE/Unicamp. Além dessas duas experiências, fui autora do currículo do ensino de História de 1ª a 4ª séries para as escolas municipais de São Paulo. Tinha, também, coordenado a área de História no Mobral. Fui chamada várias vezes pela Secretaria de Educação, tanto municipal como estadual para orientar projetos e ministrar cursos para professores.

EP: E sobre a sua pesquisa de doutorado?

Ernesta: Estando na Unicamp, fiz o meu doutorado em educação. O tema da pesquisa foi a produção cultural destinada ao grande público, analisei os paradidáticos da área de História, destinados à educação básica. Inicialmente fiz uma pesquisa com o intuito de conhecer o público consumidor de tais livros. Essas produções eram vendidas em bancas de jornal e papelarias, não chegavam às livrarias. A minha intenção era conhecer o público consumidor. Fiz pesquisa em papelarias e bancas de jornal. A partir desse início estudei as editoras que os produziam, destaquei a Editora Abril que dominava o mercado, a Editora Ática e a Brasiliense.

A Editora Abril se destaca porque foi a primeira delas a traduzir, do italiano para o português histórias em quadrinhos, novelas, como a revista Capricho e coleções temáticas, focalizando determinados períodos da História. Ela recebeu muito apoio do governo militar. Foi também a primeira editora a lançar nas bancas de jornais, coleções que eram vendidas em fascículos semanalmente. Na época, esse procedimento foi inovador.

A editora Ática foi criada por professores que tinham objetivo de produzir obras didáticas. Na época da pesquisa, lançaram a coleção "Cotidiano da História". O titulo O cotidiano da História foi um jogo de marketing bem bolado, porque a história do cotidiano estava sendo divulgada nos currículos escolares de História. O corpo editorial dessa coleção era formado por historiadores bem conhecidos.

A Editora Brasiliense foi fundada por Caio Prado Junior e publicou importantes obras sobre o Brasil, entre as quais três livros sobre a História do Brasil, o 1º volume tratava do Período Colonial, o 2º do Período imperial e o 3º da República. As narrativas e as ilustrações dos personagens e dos fatos históricos eram tratadas com ironia. As ilustrações desenhadas por Miguel Paiva eram bem feitas e enriqueciam a ironia presente nos textos, quebrando o tratamento tradicional dado aos fatos históricos. Hoje não se fala mais nesses livros, mas, na época, foram bem vendidos.

Retomando a questão anterior referente às minhas experiências de pesquisa no mestrado e doutorado, posso afirmar que foram duas pesquisas bem distintas, no mestrado trabalhei com fontes primárias, documentos oficiais, não usados anteriormente. Para analisar tais documentos, fiz muitas leituras de natureza histórica, sociológica e econômica, trabalhei com o Século XIX. No doutorado, fiz uma pesquisa mais complexa, com diferentes fontes como oral, entrevista, recorri a análise de discurso. Li muitos textos sobre cultura e indústria cultural.

EP: Em relação à formação de novos pesquisadores quais foram suas experiências mais significativas?

Ernesta: Um dos referenciais mais significativos foi a minha passagem pela Escola Vocacional, em grupo com os professores e sob a orientação da orientadora pedagógica, discutíamos as atividades, a metodologia a ser desenvolvida, tanto nas salas de aula como nas pesquisas de campo. As nossas pesquisas eram sempre multidisciplinares. Nas salas de aula fazíamos as análises dos dados e compartilhávamos os resultados com o grupo de alunos e professores. Os estudos do meio feito com os alunos eram verdadeiras pesquisas. Outro importante referencial foi durante o mestrado, tínhamos quinzenalmente reuniões coletivas sempre na forma de seminários e, no período entre os seminários, haviam reuniões individuais com a orientadora.

Essa forma de orientação contribuiu para que existisse no grupo um clima de cordialidade, de companheirismo e de trocas, cada pesquisador expunha as fontes de pesquisas, suas dificuldades e seus sucessos. Na apresentação dos seminários, líamos textos diversos, assim sendo, a nossa formação não ficou restrita somente aos cursos da pós-graduação, os nossos horizontes foram ampliados. Por ocasião do doutorado na Unicamp, as aulas mais marcantes foram do Professor Milton de Almeida. O programa sempre bem definido, com bibliografia nova e multidisciplinar, nos estimulava a romper com procedimentos pré-determinados, devíamos estar sempre a procura do novo, do inusitado.

Quando comecei a orientar, li muito sobre metodologia e fui buscar autores, trabalhos que fugiam do senso comum. Li textos de Walter Benjamin, Lefebvre, Edward Thompson, Carlo Ginzburg, Carlos Vicentini, Olgair Mattos, Bachelard e autores de diferentes áreas que me ajudaram a resolver problemas de ordem metodológica. Com o apoio teórico e o trabalho (leituras, discussões, sugestões, seminários) criamos, no grupo de pesquisa um clima de solidariedade, de trocas e de amizade que contribuiu para o crescimento de todos, inclusive o meu. A cada dois meses, o Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação organizava seminários, que envolviam todos os membros - alunos e professores. O produto desses seminários foi a organização de alguns livros, dentre eles Quanto tempo o tempo tem! publicado pela Editora Átomo& Alinea.

Foi proposto pelo grupo que desenvolvêssemos um projeto de pesquisa no qual pudéssemos estar envolvidos e mantendo o clima que existia entre nós. Criamos o projeto Peabiru: Ensino de História e Cultura Contemporânea. Essa pesquisa situa-se na interface de vários campos do conhecimento como a Educação, a Historia ensinada, a Antropologia, a Sociologia e a Filosofia. Tem como objetivo compreender a dinâmica envolvida nos processos de constituição dos saberes docentes, com ênfase nos múltiplos espaços e processos culturais que medeiam o saber histórico na contemporaneidade. Terminamos a primeira fase e estamos concluindo a segunda. Foi uma experiência muito legal e já produzimos um livro que foi editado em Florianópolis com o apoio firme da Professora Maria de Fatima Sabino Dias.

EP: Nessa formação, quais foram as experiências mais significativas?

Ernesta: Foram essas de trabalho em grupo. Eu tive sorte no processo de orientação que tive em Campinas, que eu fiz com meus orientandos, pois em alguns momentos eu trabalhei com um grupo em que todos tinham um ponto comum, que era o ensino de História. E todos nós, todos, tínhamos a base da sua pesquisa na sala de aula, na escola. A pesquisa empírica era feita na escola, com os professores e os alunos. Então a gente saía a campo. Essa marca eu trago até hoje, fazer pesquisa empírica em sala de aula, conversar com professores e alunos é o que marca minhas pesquisas como também as do grupo de pesquisa que eu tive. A vantagem desse grupo, dessas reuniões em grupo é que nós socializávamos bibliografia, ora era um aluno que precisava ler determinado autor, todos nós líamos, traduzíamos e discutíamos os autores. Outro momento era outro aluno, outra pessoa que propunha outra leitura. E esses encontros, que eram mensais, se estendiam por dois dias. Quanto aos atendimentos individuais eu não atendia todo mundo em todos os meses. Eu atendia dois alunos, três alunos cada mês, dependendo de como estava precisando a orientação e de como as coisas andavam. Isso não significava também que eu não atendesse aos alunos via e-mail, individualmente. E o mais interessante também desse trabalho em grupo de orientação que desenvolvíamos é que os alunos, os pós-graduandos apresentavam suas pesquisas para o grupo, comigo, e a gente discutia, em grupo, apontando os aspectos que precisavam ser ajustados, chamávamos atenção pelas qualidades como também pontos que precisayam ser alterados, notificados. Porque a gente trabalhava muito, todos nós, com a produção de saber. Nós todos trabalhávamos com a produção do conhecimento histórico, o que hoje se pode chamar de conhecimento histórico escolar, o saber histórico escolar. Nós tínhamos, na equipe, uma pessoa que estava trabalhando na escola a formação do tempo em crianças. Outra pessoa estava trabalhando com o conceito de tempo, fazendo um estudo mais teórico sobre as várias correntes que nortearam a pesquisa sobre o tempo. Nós tínhamos também uma pesquisa baseada nos resultados da orientação e das categorias mais importantes para formar o pensamento histórico. Outra pesquisa trabalhou com a questão do currículo no MST. E, ao mesmo tempo nós trabalhávamos o tema do currículo, porque a História era o foco, o núcleo central do currículo do MST. Então tínhamos essa variedade de temas, mas sempre em torno do mesmo foco e de um conjunto de autores afins. Estes são alguns exemplos de como nós, aparentemente trabalhando com textos e temas diferentes, tínhamos um núcleo comum de pesquisa. E isso colaborou para que todos crescêssemos e tivéssemos uma visão mais larga do que significa a produção do conhecimento. Depois de alguns anos, iniciamos a pesquisa em torno do Projeto Peabiru, sobre o Ensino de História e a Cultura Contemporânea, que eu considero que representa uma síntese do meu caminhar como pesquisadora e orientadora.

EP: O que é mais relevante na formação de novos pesquisadores? Qual é sua reflexão sobre a dicotomia que tem se estabelecido, principalmente nas últimas décadas, entre pesquisa e ensino?

Ernesta: É difícil afirmar o que é mais relevante na formação dos novos pesquisadores, para mim, uma das questões fundamentais é o envolvimento intelectual e afetivo do pesquisador com o seu tema. É preciso ter motivação pelo tema, envolver-se na procura de fontes e sentir prazer na busca do conhecimento. Pela minha experiência, o ato de compartilhar a investigação com o grupo de pesquisa é importante, como também, receber e dar sugestões, trocar leituras, metodologias, acertos e erros. Como orientadora é fundamental conversar com o grupo quando algum procedimento não deu certo e ajudá-lo a identificar os enganos. Estimular o espírito investigativo, a curiosidade, o desejo de conhecer e procurar o novo. Devemos ser inflexíveis quando identificamos competição ou ausência de ética e de respeito entre os membros do grupo.

EP: Juntamente com outros professores/pesquisadores, você pensou e efetivou a realização de dois encontros (o Enpeh e o Perspectivas) que atualmente se configuram como os principais eventos para os pesquisadores no campo do ensino de História. Conte-nos um pouco sobre o processo de criação de tais eventos e como analisa a importância desses mesmos no cenário nacional.

Ernesta: A minha presença e participação nesses dois eventos deve-se ao convite que recebi da Professora Elza Nadai, em 1987, para participar da organização do 1º Perspectiva do Ensino de História que aconteceu na FE/USP. Esse evento teve como objetivos criar um espaço de diálogo entre os professores que trabalhavam com a educação básica e média e os professores da universidade que atuavam nas licenciaturas; gerar oportunidades para que os professores pudessem expor os trabalhos que desenvolvem com os alunos; discutir as novas propostas curriculares que estavam em ação pelos órgãos da Secretaria da Educação.

Nos encontros do Perspectiva participam professores de todas as regiões do Brasil. O primeiro encontro nos surpreendeu pela quantidade de pessoas que se inscreveram e pelo elevado número de trabalhos apresentados. Tivemos oportunidade, nesse primeiro Encontro, de analisar a proposta curricular que estava sendo proposta pelo MEC. Muitas modificações foram sugeridas e aceitas pelo Ministério. O Perspectiva de Ensino é bem acolhido pelos professores, muitos trabalhos são apresentados, entretanto, nem sempre as Secretarias de Educação liberam os professores para estarem presentes no evento. Gostaria que nos Perspectivas pudéssemos estabelecer uma troca mais consistente entre todos os docentes.

O Encontro Nacional Pesquisadores do Ensino de História foi criado em 1993, cinco anos depois do Perspectiva A sugestão da criação do Enpeh foi da Selva Guimarães Fonseca, preocupada com o fato de que o campo da formação de doutores e de pesquisadores estava acontecendo na universidade, e havia um isolamento das pessoas que faziam pesquisa no ensino de história. Todos sentíamos a necessidade de nos encontrarmos para discutir pesquisas, trocar bibliografias, refletirmos sobre a pesquisa no ensino de História.

Outro motivo para organizarmos esses encontros para refletirmos sobre o ensino de História foi a ausência de espaço. Não tínhamos espaço na Anpuh para discutirmos questões sobre o ensino de História, isso dependia sempre da equipe que compunha a direção da Anpuh. Quando havia temas relacionados a políticas públicas para educação, as associações científicas eram convidadas a participar, infelizmente, a Anpuh não convidava as pessoas que trabalhavam com o ensino para representá-la no MEC. Na época, a Professora Elza Nadai já era professora titular da Faculdade de Educação e não era convidada.

A criação desses dois encontros contribuiu para o crescimento acadêmico da área de ensino de História. Com o passar desses vinte e poucos anos, observamos mudanças qualitativas e quantitativas nas pesquisas realizadas, o campo da investigação ampliou-se e novos temas foram propostos. Temos convidado pesquisadores de outros países para participarem dos nossos encontros, nos primeiros anos bebemos em suas fontes, hoje, trocamos "figurinhas", publicamos juntos, somos parceiros. Os grupos de pesquisa mais antigos têm as suas especificidades mais definidas e marcam presença nos eventos pelos trabalhos que apresentam.

EP: Integrando uma mesa-redonda no Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História, há alguns anos, você apresentou um panorama nacional sobre as pesquisas desenvolvidas na área. Recentemente, revisitou o assunto, ampliando um pouco mais sua análise a respeito. Como você descreve o cenário nacional quanto às pesquisas na área? Quais desafios foram vencidos e quais seriam os novos desafios a serem enfrentados nas próximas décadas?

Ernesta: Na comemoração dos 10 anos de criação do Enpeh, em Londrina, apresentei o estado da arte das pesquisas que fazíamos. Identificamos, também, que em cada grupo de pesquisa havia predominância de um tema estudado. Esses temas, na maioria das vezes, representavam a continuidade do tema de pesquisa do coordenador do grupo. Com essa observação constatamos que diferentes temas estavam sendo aprofundados no Brasil. Pelos anais dos nossos encontros, temos o panorama das nossas pesquisas. Naquela ocasião, fizemos um levantamento de temas por universidade. Foi muito interessante porque nós percebemos que algumas universidades eram mais fortes na formação de professores, outras no estudo sobre livros didáticos e assim por diante.

Dez anos mais tarde, mudei o foco de investigação. Fiz um estudo dos grupos de pesquisa que existem no Brasil, focalizando seus objetivos, as palavras-chave, as linhas de pesquisa, a bibliografia básica etc. Consultei o banco de dados do CNPQ, da Capes e Fapesp. Os grupos mais recentes trabalham com as problemáticas locais, esse procedimento é importante e bom porque as diversidades brasileiras são grandes. Os grupos mais antigos, com tradição em pesquisa apresentam trabalhos

com reflexões teóricas mais consistentes, não raras vezes dão sustentação aos novos grupos. Sendo as nossas pesquisas multidisciplinares, necessitando diálogos com outras áreas do conhecimento, essa diversidade é importante.

Penso que deveríamos analisar as nossas pesquisas e os resultados e procurar os desafios que precisamos enfrentar. No Brasil, temos grupos de pesquisas e orientadores com trabalhos significativos. Recentemente fui a Manaus, me surpreendi com envolvimento dos professores da universidade com a formação de novos professores, com a natureza da pesquisa que desenvolvem. Entretanto, falta um diálogo mais consistente e harmônico entre os departamentos de História e Educação. É difícil fazer pesquisa na área de Educação quando não há diálogos entre os pares.

EP: Você, juntamente com outros pesquisadores, criou a Associação Brasileira do Ensino de História. Fale-nos sobre o contexto de criação dessa e sobre a importância de tal associação para os pesquisadores da área.

Ernesta-A ideia da criação de uma associação brasileira sobre o Ensino de História surgiu em Curitiba e alguém me perguntou o que eu achava. Imediatamente, achei a iniciativa ótima, fiquei entusiasmada. Algumas pessoas estavam pensando em criar uma associação científica. Eu me lembro de que estava assistindo a uma conferência quando alguém chegou perto de mim e disse: "você topa a criação de uma associação?". Eu disse: "Eu topo". A proposta se espalhou entre os presentes.

A partir daquele momento, um grupo de pessoas começou a se reunir e a conversar francamente sobre o que esperavam de uma associação. Se eu não estiver equivocada foi no ano de 2006. A Katia Abud e eu ficamos responsáveis em preparar um estatuto para o próximo encontro que foi em 2007. Apresentamos uma primeira versão dos estatutos, que foi lida por todos e foram feitas muitas sugestões. Em 2008, em São Paulo, na USP, apresentamos os estatutos com as mudanças sugeridas no evento anterior. Cada item foi discutido e os estatutos foram aprovados. Em 2009, nós já tivemos a primeira assembleia da associação efetivamente registrada em cartório e elegemos a primeira diretoria. Esse ato foi importante porque agregou os pesquisadores de Ensino de História. Em 2011, em Florianópolis, elegemos a segunda diretoria e o conselho fiscal. Por desconhecermos como funciona uma associação científica cometemos alguns equívocos burocráticos, que, atualmente, com ajuda de um advogado, estamos conseguindo arrumar.

A criação da associação foi muito importante para nós, porque temos reconhecimento público e podemos ter representação em reuniões científicas e políticas, emitir pareceres e ter direito à palavra e a voto.

Com os estatutos, precisamos andar segundo as suas diretrizes, os atos e reuniões precisam ter datas definidas. Fomos considerados "adultos".

EP: O Projeto Peabiru, coordenado por você, agrega pesquisadores de diferentes instituições brasileiras e internacionais. Fale-nos um pouco sobre o projeto e quais os principais resultados alcançados.

Ernesta: A criação do projeto Peabiru representou um desejo do grupo de pesquisa, que a gente vinha discutindo, formando. Várias pessoas já tinham defendido suas teses, mas tinham o desejo de constituir um projeto de pesquisa para que a gente pudesse continuar a trabalhar junto. Nesse momento também estava em Campinas a professora argentina Sílvia Finocchio (FLACSO-UBA-UNLP), e nos reunimos na sala do Grupo Memória da Unicamp para discutir como poderia ser o projeto, o que pode ser tomado como objeto comum etc. Foi definido que se trabalhasse com a problemática do ensino de História no contexto da cultura contemporânea. Foi por sugestão da Sandra Oliveira que o projeto recebeu o instigante nome de Peabiru, que significa a abertura de uma estrada ligando a região leste-oeste, do Atlântico ao Pacífico. Por que o nome de Peabiru ao projeto? Porque trata-se de um projeto que congrega pesquisadores de diferentes estados: Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul. E ao mesmo tempo também estava a Silvia Finocchio, que deu várias sugestões a respeito da organização desse projeto. E isso foi muito importante, o projeto possibilitou que houvesse uma troca, um intercâmbio de pesquisadores, como a realização de doutorado-sanduíche e de pós-doutorado com a Silvia Finocchio em Buenos Aires. Do grupo de orientandos da Sílvia também vieram pessoas para fazer pesquisas no Brasil. E a grande questão do projeto Peabiru, que era a cultura contemporânea do jovem, que a gente estudou, está na mesma direção do projeto coordenado pelo Luiz Fernando Cerri, sobre a juventude e o ensino de História. Ele se espelhou em um projeto maior, europeu, que foi de Portugal até Turquia e Israel, e tratou da concepção dos alunos, da juventude, dos adolescentes sobre a questão do ensino de História na Europa. Esse projeto Peabiru em que nós estamos trabalhando com cultura contemporânea no ensino de História, de certa forma, tem algumas aproximações com o projeto coordenado pelo Cerri. Agora, uma questão importante que foi muito favorável no Peabiru, é que o projeto propunha que, em cada um dos lugares onde a pesquisa fosse aplicada, se mantivessem as características regionais. Quer dizer, nós tínhamos a mesma matriz teórica, mas os procedimentos variavam de região para região, dependendo também do pesquisador e do projeto de pesquisa proposto na instituição. O projeto congrega pesquisadores diferentes, de procedimentos diferentes e às vezes trabalhando dentro desse projeto, mas sobre outras lógicas, mesmo assim permitiu que aprofundássemos as nossas relações. Baseados nesse projeto, já temos dois livros publicados e dezenas de artigos. E agora nós vamos estender o projeto pra estudar a presença dos alunos da América Latina nas escolas de ensino médio em São Paulo. Como também a Juliana Pirola, que está levando à frente a proposta, vai estudar, na Argentina, a presença dos alunos de outros países da América Latina em Buenos Aires, com a ideia de verificar quais são os povos mais rejeitados, quais não são, porque eles são, o que prevalece em Buenos Aires, o que prevalece em São Paulo, que diferenças e semelhanças existem entre os dois contextos. Trata-se de um projeto que colaborou, criou, deu uma maior ligação entre o grupo e permitiu que, embora quase todas as pessoas envolvidas já tivessem concluído suas teses de doutorado, mantivéssemos ainda elos baseados no trabalho de um único projeto. E os resultados postos têm algo em comum, mas também respeitam as diferenças, e se podem identificar nos trabalhos já publicados, quais são essas diferenças e como as questões se aproximam. As diferenças que a gente sentiu dos resultados têm dois níveis: uma diferença cultural, da cultura latina americana, dos países latino--americanos e uma diferença também sobre a questão sociocultural, que são os alunos de periferia e como eles procedem e interagem diante do consumo. Outro fator também interessante que nos chamou a atenção sobre essas diferenças culturais foi, por exemplo, o projeto desenvolvido em Santa Catarina, que vem a constituir uma tese de doutoramento em que se constata que alunos da quarta série acham legítimo furtar ou roubar coisas que às vezes eles não têm, como camiseta, por exemplo.

EP: Os resultados das pesquisas desenvolvidas por seu grupo possibilitam desenhar um cenário de como está a formação de professores em nosso país. Em sua análise, como formar professores para enfrentar os desafios da atualidade?

Ernesta: Na primeira parte da pesquisa todos nós voltamos o olhar para os alunos. Nosso olhar está nos alunos, na prática de sala de aula, a prática deles na área de recreação, o cotidiano dos alunos nas escolas. Tanto assim que em muitos dos projetos se tinha uma preocupação muito grande de como agregar os dados seguintes. Na realidade, ele só revelou as diferenças que a gente sente dentro da cultura urbana, as pessoas culturais mesmo, que moram em cidade grande, em cidade pequena. O que preocupa um, preocupa também o outro.

EP: Como você vê, na atualidade, a relação entre a pesquisa acadêmica e a escola de educação básica?

Ernesta: Considerando a qualidade da relação entre a pesquisa acadêmica e a escola de educação básica, eu queria chamar a atenção para o fato de que a pesquisa acadêmica tem uma especificidade própria. Tem recursos e metodologias próprios e a pesquisa feita em sala de aula tem uma metodologia própria, tem posturas diferenciadas. Ambas estão realizando produção de saberes, mas são diferentes. O conhecimento da pesquisa da docência para os professores em formação é um, e para os alunos da escola básica os objetos são outros. Então, elas são totalmente diferentes. E nesse aspecto seria interessante lembrar aquele texto que Sônia Miranda, Marizete Lucini e eu publicamos sobre a questão do ensino de História na contemporaneidade², porque aí a gente deixa muito claro essa diferença.

EP: Como você concebe a docência e o que considera significativo na experiência pedagógica de sala de aula?

Ernesta: Na questão da docência em sala de aula, para mim, há momentos que tem que propor situações, colocar as ideias, discutir. E tem outros momentos que precisam ser muito bem preparados, e saber claramente, para você fazer questões em sala de aula que seus alunos sejam capazes de responder. Portanto, toda pesquisa e toda sala de aula deveriam ter um perfil de desafio para o aluno pensar. Porque o que importa no ensino de História não é tanto o aluno definir, falar sobre um grande feito, um fato acontecido. O que interessa na sala de aula é que o aluno seja capaz, a partir de um dado que ele ouve, de uma imagem que ele vê, de desenvolver o raciocínio histórico sobre o tema, o que ele pensou sobre aquilo, que ideia ele está aproximando em relação à outra. Estou apontando as questões nesse sentido, porque acredito que é a experiência pedagógica, aliada a uma formação teórica mais consistente que vai me permitir, como professora, pensar o que eu vou modificar, o que eu vou fazer em sala de aula. Mas isso, fundamentalmente, penso que é a experiência do professor, como ele vai suscitar que o aluno seja capaz de pensar, fazer levantamento de questões.

EP: Como essas experiências influenciaram suas investigações posteriores e atuais?

Ernesta: A problemática das nossas pesquisas foi extraída da própria docência, Nas aulas, debatendo as questões, você vai ter condição de pensar que resposta vai dar. Portanto, como essa experiência influencia a pesquisa? É justamente a partir daí que você faz suas investigações posteriores.

EP: De toda a sua produção intelectual o que mais gosta e o que considera mais importante? Por quê?

Ernesta: O que mais gosto e considero mais relevante são as questões que estamos vivendo na atualidade, o enfrentamento das demandas sobre a qualidade da história ensinada para as crianças, por exemplo. Então, é a partir das minhas experiências que eu considero o que é mais importante. Por exemplo, quando eu tive duas experiências de docência que foram muito significativas para mim. Uma delas foi quando trabalhei no Ginásio Educacional, onde fui aprender a levantar questões em sala de aula, a problematizar o tema com os alunos. E essa experiência de verificar como que eu vou encaminhar para a pesquisa, que resultado eu vou fazer aqui, porque este grupo foi nessa direção. Essa minha experiência no vocacional com crianças de doze e treze anos, me deram uma sustentação para eu encaminhar as pesquisas e fazer reflexão das práticas de docência quando eu estava dando aula na universidade. Além desse projeto vocacional, outro projeto muito significativo foi o chamado "Carajás", para o qual eu tinha sido convidada para coordenar a parte de História, depois eu convidei a Dulce Pompeu de Camargo. E a gente, trabalhando com índios, posseiros e colonos, três grupos culturalmente distintos, tinha de pensar em como estabelecer o diálogo, propiciar a relação de uma cultura com a outra, foi muito importante e desafiador. Por exemplo, quando fomos para o Rio Araguaia, não se sabia o que ia nos esperar e nem o que a gente ia encontrar. Eu me lembro de que eu falei para a Dulce "O que a gente vai fazer nessa sala de aula?" Parecia que a gente estava falando para ninguém, que ninguém estudava. Nós levamos um livro da Ana Maria Machado, intitulado "De olho nas penas". Nesse livro tem um conto muito interessante, que nos ajudou a realizar o trabalho em que o menino começa a descrever, falando da mata, ele começa a entrar nas questões do meio ambiente. Os alunos começaram, foram entrando nessas questões do meio ambiente, nós levantamos as mesmas questões que os personagens do livro fizeram, transferimos para essa outra personagem, e eles tiveram outros pensamentos também. Quer dizer, a gente suscitou uma curiosidade, e como sugeria Ana Maria Machado, que os índios, posseiros e colonos descessem em absoluto silêncio, saíssem da sala de aula e fossem para o Rio Araguaia pensar quais eram os segredos que o este Rio tinha para eles. Quando nós fizemos essa pergunta, eles ficaram meia hora em absoluto silêncio. Quando voltaram, as diferenças postas eram muitas, entre o que os índios pensavam, o que os colonos pensavam e o que os posseiros pensavam. Aqui são três categorias: os índios são eternos habitantes, os colonos são pessoas recém-vindas do Rio Grande do Sul, que foram para lá comprar um pedaço de terra e os posseiros, que tinham um pedaço de terra que eles

ocuparam. Então foi a partir daí que foi "quebrando o gelo". Essas experiências de docência com adultos e crianças foram importantes também para o nosso trabalho na universidade, como problema para a formação de professores.

EP: Do seu ponto de vista, quais são os temas e os problemas de fronteira entre a História e a Educação?

Ernesta: São vários. O primeiro deles é que, de certa forma, na prática, os historiadores consideram aqueles que se dedicam à educação, ao ensino de História, como profissionais de segunda categoria. Isso não é uma questão de fronteira, é uma questão de conflito, de não entendimento. É uma questão que eles não encaram que o ensino de História não é uma área de fronteira entre dois campos de conhecimento, Educação e História, mas é uma área que tem um campo epistemológico específico. Foram nessas reflexões sobre a questão das fronteiras entre História e Educação que nosso grupo, ao pensar sobre todas essas questões, começou a diferenciar aquilo que Dominique Julia fala da cultura escolar, que nós começamos a perceber que dentro da sala de aula, que cada escola tem a sua cultura da escola. Acredito que os problemas maiores são a ausência de diálogo e de respeito entre os próprios profissionais.

EP: O que considera como sendo legitimamente uma problemática educacional? Quais são os problemas educacionais mais urgentes?

Ernesta: Quando se pensa o ensino de História de décadas atrás, que tinha uma única finalidade, a formação da identidade, parecia que a gente trabalhava uma proposta com verdades absolutas. Hoje não trabalhamos com verdades absolutas, nós trabalhamos com verdades, que convivem e estão separadas umas das outras. Essa ausência de respeito, de diversidade de grau de formação de professores, essa diversidade existente entre negros, brancos, indígenas, mulatos, etc. também é uma questão importante. Parece que a sociedade brasileira está caminhando para um sectarismo. E, portanto eu acho que nenhum campo sozinho, nem a educação, dá conta de resolver todos os problemas da juventude, todos os problemas dos alunos. O processo da educação brasileira, a gente tem que pensar em outros moldes e não nos moldes que são tradicionalmente dados. E tem um aspecto que eu acho importante mencionar, mas que não sei como resolver. Por exemplo, a questão étnica na educação é um tema muito difícil. É difícil você resolver isso. Antes a educação tinha um objetivo específico, voltado para a formação de um cidadão respeitoso. Agora nós temos uma infinidade de questões que devem ser resolvidas

e têm de ser resolvidas no diálogo. Outro dia eu estava vendo um programa de televisão e algumas pessoas falavam da questão dos negros e dos brancos. Quantos artistas são negros? Quantos artistas negros de cinema existem comparados aos brancos? Então estava fazendo uma questão quantitativa. E perguntavam a um jovem diretor de cinema, cujo filme fora premiado, se ele, ao selecionar os artistas para o elenco, quantificava quantos brancos e quantos negros. E ele disse: "Não, a minha questão não é étnica, a minha questão é com a arte". E essa questão é construída no espaço. A política não separa, a política se aproxima com respeito às diferenças. Essa questão eu considero extremamente difícil, por que como é que você aproxima e separa?

Notas

- ¹ A coleta e a sistematização das informações presentes nesta edição da seção Diálogos com educadores foram realizadas pela Prof^a Dra. Sandra Regina Ferreira de Oliveira, pesquisadora do Programa de Pós--Graduação em Educação Estadual de Londrina e co-organizadora deste volume da Revista Espaco Peda-
- ZAMBONI, E.: LUCINI, M.: MIRANDA, S. R. O saber histórico escolar e a tarefa educativa na contemporaneidade. In SILVA, Marcos (Org.). História: que ensino é esse? Campinas: Papirus. 2013.